



A corporação: a história secreta do século XX e o início do governo mundial do futuro

LIVRO | HAGGER, Nicholas. *A corporação: a história secreta do século XX e o início do governo mundial do futuro*. São Paulo: Cultrix, 2009

MÁRCIO GIMENE DE OLIVEIRA | gimene12@gmail.com
Analista de Planejamento e Orçamento. Doutorando em Geografia pela UFRJ, Brasil.

“Agora, nenhuma empresa, nenhum capitalista, pode ser acusado de ter poder individualmente; em geral não se menciona, no ensino de economia, o fato de que o mercado está sujeito a manipulações especializadas e abrangentes. Essa é a fraude.”

John Kenneth Galbraith, *A economia das fraudes inocentes*.

The Syndicate é o título original deste instigante livro de Nicholas Hagger, publicado em 2004 por O Books/John Hunt Publishig Ltd. De qual corporação trata o autor? Daquela formada por um grupo de indivíduos e de famílias que passou a controlar significativa parcela da riqueza mundial, colaborando para promover seus interesses comerciais conjuntos: os Rothschilds, Rockefellers, Warburgs, Morgans e Schiffs – famílias dos homens influentes que arquitetaram a criação do Federal Reserve System (FED) na reservada reunião realizada na ilha de Jekyll em 1910. A origem dinástica da Corporação,

segundo o autor, começa com Mayer Amschel, judeu alemão que trabalhou como caixa de um banco da família Oppenheimer antes de assumir os negócios de compra e venda de moedas raras que seu pai fundara em 1750. Do escudo vermelho (“rotschildt” em alemão, “red shield” em inglês), pendurado sobre a porta da casa da família em um gueto judaico de Frankfurt, deriva o nome pelo qual a família Rothschild passaria a ser chamada.

A trajetória dos Rothschilds é amplamente conhecida. Com a morte de Mayer Amschel, em 1812, seus cinco filhos homens herdaram a emergente fortuna resultante da usura. Nathan, o primogênito, assumiu o comando da família, estabelecendo-se em Londres. James foi para Paris, Salomão para Viena, Carl para Nápoles e Amschel ficou em Frankfurt. Na conturbada Europa do início do século XIX a família constituiu um poder paralelo, contrabandeando os mais diversos produtos e financiando esforços de guerra das potências rivais, de maneira que os eventuais vencedores sempre estivessem lhes devendo dinheiro e favores. Nos Estados Unidos a posição da família era relativamente fraca. Uma primeira tentativa de se apoderarem das finanças deste país, via constituição de um Banco Central, foi frustrada por Lincoln. Ao publicar o Decreto do Banco Nacional, em 1863, o presidente estadunidense concedeu aos bancos federais o poder de controlar os créditos e as finanças nacionais (o que, sugere o autor, acompanhando outros estudiosos do tema, pode ter provocado seu assassinato).

A segunda tentativa contou com a ajuda de outro judeu alemão, Jacob Schiff, que havia chegado aos EUA em 1865. Apoiado pelos Rothschilds, Schiff casou-se com a filha mais velha de Salomom Loeb, Thereza, e se tornou dono da Kuhn, Loeb & Co. Em 1902 foi a vez dos irmãos Paul e Felix Warburg chegarem de Frankfurt. Ambos judeus, logo entraram para a família e se associaram na firma adquirida por Schiff. Paul casou-se com Nina, filha mais nova de Salomom Loeb, e Felix casou-se com Frida, filha de Schiff. Deste emaranhado financeiro-familiar surgiram as articulações que levaram à famosa reunião de 1910 na ilha Jekyll, da qual participaram o senador Aldrich, Vanderlip, Paul Warburg, John D. Rockefeller, Bernard Baruch, coronel House e Jacob Schiff. Estas figuras acordaram a criação do FED (Banco Central dos EUA) como uma federação de bancos privados controlada pelos Rothschilds. A proposta legislativa para a criação do FED foi aprovada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal em 23 de dezembro de 1913, quando muitos congressistas já estavam de recesso, sendo imediatamente sancionada e promulgada como lei pelo presidente Woodrow Wilson. A manobra possibilitou aos Rothschilds um controle quase que ilimitado do sistema financeiri-

ro internacional, o que lhes permite desde então provocar e se beneficiar de crises econômicas, compartilhando os lucros com seus associados.

Até aí o livro de Nicholas Hagger não apresenta nenhuma novidade. O diferencial da obra reside na forma pela qual o autor analisa o crescente compartilhamento de poder entre os Rothschilds e os Rockefellers. Estes últimos, também descendentes de alemães, contaram com o apoio dos primeiros para se tornarem magnatas do petróleo. E assim como ocorrera com Mayer Amschel, os cinco filhos de John D. Rockefeller (John III, Nelson, Laurence, Winthrop e David) deram seqüência à dinastia nas décadas seguintes. Entretanto, segundo o autor, os Rockefellers começaram a ganhar vida própria, por vezes contrariando interesses dos Rothschilds. Não convém tentar reproduzir nesta resenha as inúmeras situações em que as duas famílias oscilaram entre a cooperação e a rivalidade. Apenas a título de exemplo, cito o caso das revoluções russas, que, segundo o autor, ao menos em parte pode ser entendida como uma batalha entre os Rothschilds (por meio da Royal Dutch Co.) e os Rockefellers (por meio da Standard Oil) pelo controle dos campos de petróleo de Baku.

A primeira das revoluções, de acordo com Nicholas Hagger, ocorreu em 1905, quando os Rockefellers apoiaram a tentativa fracassada de Trotsky por meio da Kuhn & Loeb. Em seguida, os Rothschilds teriam mobilizado lord Milner (maçom de 33º grau) para apoiar Kerensky e os mencheviques. O contra-ataque dos Rockefellers teria sido via Jacob Schiff, eviando Trotsky. Segundo Nicholas Hagger, o envolvimento de Trotsky teria sido acordado em reunião no hotel Grand Orient Lodge, em Hamburgo, quando foi decidido que o revolucionário deveria deixar a propriedade da Standard Oil, em Nova Jersey, dirigindo-se à Rússia para apoiar Lênin na terceira revolução, iniciada em outubro de 1917. O autor comenta que Trotsky teria recebido US\$ 10 milhões e Lênin outros US\$ 15 milhões para financiar a revolução. A vitória dos Rockefellers lhes permitiu, segundo o autor, controlar o petróleo de Baku e participar dos negócios durante a Nova Política Econômica de Lênin, em 1921. Com a morte de Lenin, em 1925, teria ocorrido a quarta revolução, na qual Stalin teria vendido metade dos investimentos russos na indústria do petróleo aos Rockefellers em troca de apoio financeiro para seus Planos Econômicos Quinquenais.

As referências acima à maçonaria não são fatos isolados. Como é sabido, Rothschilds e Rockefellers devem grande parte da sua capacidade de articulação política à atuação em lojas maçônicas e organizações políticas de acesso seletivo como a Távola Redonda, Royal Institute of International Affairs, Concil on Foreign

Relations, Comissão Trilateral e Clube Bilderberg. Tais organizações têm em comum a diretriz de construção de um governo mundial via gradativas integrações em blocos regionais e a construção de entidades internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU). As reuniões anuais do Clube Bilderberg, que vêm sendo realizadas desde 1954, são o fórum mais conhecido de tomada de decisões reunindo financistas, famílias reais, industriais e políticos. O que não é claro, contudo, é a hierarquia de poder por trás dessas organizações.

Nicholas Hagger aponta duas versões como as mais recorrentes entre os pesquisadores do assunto. A primeira sustenta que o centro decisório é o Conselho dos Cinco, controlado pelos Rothschilds. A segunda afirma que mais poderoso e influente é o Conselho dos Nove, comandado pelos Rockefellers. Em síntese, segundo o autor, a disputa seria entre transformar o mundo em uma república universal templária (no formato dos Rockefellers) ou uma monarquia universal sionista sob o comando dos descendentes do rei de Jerusalém (conforme o modelo dos Rothschilds). Ambas propostas de caráter maçônico, assim como outras variantes correlatas de construção da Nova Ordem Mundial: Comitê dos 300, Illuminatis etc.¹ Importante destacar que apesar das eventuais diferenças, todas essas variantes se mesclam e intercambiam, o que faz com que o autor utilize no título do livro o termo “corporação” (“syndicate”, no original em inglês).

Outro aspecto que dificulta o entendimento correto da estrutura de poder desta “corporação” é o fato de os Rothschilds em especial terem adotado nas últimas décadas uma postura de máxima discricção, omitindo o nome da família nas suas participações acionárias. É sabido que publicações como a *Richest Men in the World* costumam excluir famílias dinásticas nas suas listas. E como a composição acionária do FED é mantida em sigilo, existem várias versões. Nicholas Hagger cita informação da agência Standard and Poor, segundo a qual 53% das ações do FED eram detidas pelo grupo bancário Rockefeller; 8% pelo Banco do Japão; e outros nove acionistas detinham cada um cerca de 4% das ações: Rothchild Bank, de Londres; Rothschild Bank, de Berlim; Lazerd Brothers Banks de Paris; Israel Moses Seif Banks da Itália; Warburg Bank de Hamburgo; Warburg Bank de Amsterdã; Lehman Brothers Banks de Nova York; Kuhn, Loeb Bank

1 A grande maioria dos maçons, especialmente os de graus hierárquicos mais baixos, considera essas movimentações políticas uma desvirtuação dos princípios originais da organização. O mesmo pode ser dito sobre a grande maioria dos judeus, que vêem no sionismo político uma ameaça ao convívio harmônico com outras religiões e etnias. Ocorre que muitas vezes a História é feita não pelas maiorias, e sim por minorias articuladas e influentes.

de Nova York; e Goldman Sachs Bank de Nova York. Qual a participação exata dos Rothschilds em cada um dos grupos acima é difícil saber. Além disso, esta composição acionária costuma variar ao longo do tempo, precisando ser revista principalmente após a brutal transferência de renda para o setor financeiro decorrente da *crise* de 2008.

Como nem tudo são flores, o livro também tem os seus defeitos. Ao analisar os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, o autor repete o engodo oficial segundo o qual um avião teria se chocado com o Pentágono. O autor chega a elencar evidências de que o “atentado” foi planejado para legitimar a posterior intervenção no Afeganistão e no Iraque. Para citar algumas: o envolvimento empresarial da família de Bin Laden com os Bush; o fato de as agências de inteligência estadunidenses terem agendado para aquele dia um exercício de simulação de segurança envolvendo justamente o espaço aéreo; o aparecimento intacto do passaporte de Mohammed Atta, suposto líder da operação, junto aos destroços do World Trade Center; as Torres Gêmeas terem sido construídas pela Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey, com assistência da família Rockefeller; as negociatas, nas semanas anteriores ao “atentado”, referentes a arrendamentos de prédios e seguros contra terrorismo envolvendo Larry Silverstein e a empresa Zim American Israeli Shipping Co., Inc.; e agentes do FBI terem prendido três grupos suspeitos de trabalharem para o Mossad (serviço de inteligência de Israel) que estavam filmando o desastre do WTC sob vários ângulos. No entanto, Nicholas Hagger sugere apenas que o Mossad teria guardado para si as informações sobre os preparativos do “ataque terrorista” ou contado em segredo para a CIA, sem que esta agência comunicasse ao presidente Bush filho.

Esta relutância em enxergar o óbvio envolvimento da CIA e do Mossad na realização do golpe revela duas características recorrentes em discursos nacionalistas anglo-saxões, como o do britânico Nicholas Hagger. A primeira é a ausência de uma discussão mais elaborada sobre o papel dos Estados-nacionais na estrutura de poder internacional. É como se os problemas se limitassem a identificar e afastar dos círculos decisórios os agentes internacionalistas que fraudam os interesses nacionais. Nesta visão, tudo que for feito pelo interesse nacional é válido. A segunda característica, associada à primeira, é a perspectiva colonizadora. Isto é, países como Inglaterra e Estados Unidos seriam portadores de uma mensagem civilizacional que deve ser levada a outros povos, para o próprio bem destes. Estas duas características encontram-se na obra de Nicholas Hagger quando se refere saudosamente ao “memorável e iluminado Império Britânico” e quando defende

que “a civilização dominante, a civilização globalista norte-americana, imponha uma Nova Ordem Mundial benevolente”.

O autor conclui que existem duas Novas Ordens Mundiais em disputa: uma malevolente (decorrente da parceria-rivalidade entre a república universal templária dos Rockefellers e a monarquia universal sionista dos Rothschilds) e outra benevolente (a ser construída como fruto de uma filosofia mundial que reúna a dignidade de todos os cidadãos e os direitos genuinamente democráticos). E conclama os patriotas estadunidenses e britânicos a construírem uma Nova Ordem Mundial “benevolente”, resistindo às artimanhas da “corporação” na edificação da Nova Ordem Mundial “malevolente”.

Nacionalismos anglo-saxões à parte, o livro trás informações e reflexões importantes que a mídia corporativa e os cursos universitários não têm muito interesse em reproduzir. Em seu clássico *O Longo século XX*, Giovanni Arrighi lembra que Fernand Braudel nos convidou a deixar por algum tempo a esfera ruidosa e transparente da economia de mercado, e seguir o dono do dinheiro não mais apenas até o andar de baixo, onde ele se encontra com o dono da força de trabalho (como havia feito Marx), e sim acompanhá-lo também no encontro com o dono do poder político, no andar superior, onde circulam os grandes predadores e vigora a lei da selva. Esta resenha é um convite ao leitor para que avance na investigação acerca da lógica de funcionamento desse andar superior, de preferência buscando “dar nome aos bois”. Afinal, seja qual for a hierarquia dessa “corporação”, seus membros mais ativos podem ser contados com os dedos das mãos, assim como os Estados-nacionais que sustentam suas aventuras. A leitura deste livro de Nicholas Hagger é um passo nesta direção.